

IMAGEM(S) (D)E INFÂNCIA(S) – UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Milene Maciel Carlos Leite¹

A presente pesquisa, realizada em nível de Mestrado, interessa-se pelas construções de sentido para a infância na atualidade. Sob o embasamento teórico-metodológico da Análise do Discurso de orientação francesa, com base em Pêcheux (1997 [1969], 2009 [1975], 2012 [1983]) na França, e Orlandi (2001, 2012, 2013), e demais pesquisadores no Brasil, propomos, no âmbito da dissertação, uma análise discursiva de três fotografias extraídas de jornais *online* de ampla circulação, na tentativa de retirá-las de seu valor de evidência e pensá-las em suas possibilidades de produção de sentidos. Neste intento, utilizamos os trabalhos de Orlandi (2003), Souza (2001) e Lagazzi (2010), que abrem espaço a discussões que consideram o não verbal como objeto, ou, conforme Lagazzi (*ibidem*), distintas materialidades significantes como foco de análise.

Na presente exposição, objetivamos apresentar, de modo geral, a pesquisa em andamento e trazer para reflexão uma das imagens integrante de nosso *corpus* analítico; a imagem torna objeto, pelo gesto de fotografar, uma criança tomando banho dentro de um bueiro, em rua pública do centro do Rio de Janeiro. O termo fotorreportagem para se referir à imagem fotográfica é teorizado nos campos da Comunicação e Jornalismo; apropriamo-nos do termo, no presente trabalho, para ressaltar o funcionamento da imagem no discurso jornalístico.

A respeito do funcionamento do discurso jornalístico, Mariani (1996, p. 65) afirma que

no discurso jornalístico, mascara-se um apagamento da interpretação em nome de fatos que falam por si. Trata-se de imprimir a imagem de uma atividade enunciativa que apenas mediatizaria – ou falaria sobre – da forma mais literal possível um mundo objetivo (MARIANI, 1996, p. 65).

¹ Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Federal Fluminense (UFF); mestranda em Estudos de Linguagem, em mesma universidade.

A partir dessa afirmação, podemos apontar a relação, sustentada no imaginário, de que uma imagem, enquanto fotorreportagem, retrata fatos tal como ocorreram, ou seja, comunica algo, um acontecimento factual, a alguém, um leitor. Apaga-se, nesta consideração, a impossibilidade de se relatar as coisas do mundo senão pelo discurso; um fato torna-se um acontecimento a partir do momento em que é discursivizado, a partir de dadas posições ocupadas pelo sujeito para dizer. Os modos como a imagem, enquanto discurso, será lida dependem também dos processos de identificação imaginária de sujeitos a redes de sentidos anteriormente estabelecidas.

Ao analista de discurso, diante de seu objeto, interessa a materialidade discursiva, que é histórica. Um deslocamento teórico importante ao nosso trabalho, que considera o não verbal como objeto discursivo, é produzido por Lagazzi (2009; 2010) ao propor a formulação “materialidade significativa” (LAGAZZI, *ibidem*). Há, neste conceito, uma abertura a trabalhos que considerem distintas materialidades, como a imagem e o som, em seus modos peculiares de produzir sentidos. A imagem, no presente trabalho, é considerada como texto, como discurso, em suas possibilidades de produzir (efeitos de) sentidos.

No modo como funcionam as imagens no espaço dos jornais, o não verbal se coloca em relação ao verbal, no intuito de prender um sentido à imagem, direcionar a leitura. Ocorre, aí, uma redução da distância que vai de uma materialidade a outra (ORLANDI, 1995, p. 36). Em nosso trabalho, a imagem vem acompanhada de uma legenda, no intuito de “complementaridade” (LAGAZZI, 2009). Todavia, conforme Lagazzi, em mesmo texto, em Análise do Discurso consideramos que não há “materialidades que se complementam, mas que se relacionam pela contradição, cada uma fazendo trabalhar a incompletude na outra” (LAGAZZI, 2009, p. 68).

No presente artigo, nosso intuito é produzir, a partir de nossos gestos de análise, deslocamentos no efeito de evidência da imagem, textualizado em aforismos como “imagens não mentem” e “uma imagem vale mais que mil palavras”. Ademais, buscamos alargar as distâncias entre as distintas materialidades significantes, mostrando que os modos de produzir sentidos não são os mesmos em uma e em outra.

A IMAGEM, UMA ANÁLISE POSSÍVEL

Diante do exposto, trazemos à discussão a imagem, parte de uma reportagem do jornal *O Globo online*. A reportagem intitula-se “Flagrante que choca: menina toma banho em bueiro”. Logo abaixo do título, o subtítulo “Prefeitura faz buscas no Centro para achar criança, que teria 5 anos e estaria ao lado do pai, com sinais de embriaguez”. Abaixo da imagem, há a legenda “A menina no buraco com água suja: alheio à situação, o pai se preocupava em pedir dinheiro para almoçar”.



Imagem extraída de <http://oglobo.globo.com/rio/flagrante-que-choca-menina-toma-banho-em-bueiro-14723691>

A imagem em questão, como fotorreportagem, ou seja, produzida por um fotojornalista, em ofício, de modo a relatar, pelo visível, dado acontecimento, torna objeto, pelo gesto de fotografar, gesto de inscrição do sujeito no campo do simbólico e do político, uma menina sozinha, sem rosto, sem nome, mas cujo corpo encontra-se duplamente exposto, pela água suja e pelos olhares multiplicados pela localização em jornal *online* de grande circulação.

Como fotorreportagem, a imagem funciona sob o efeito de inauguração de sentidos; a imagem tem algo a comunicar, um acontecimento datado, localizável no espaço e no tempo. Na materialidade verbal, ou seja, no título da reportagem, o acontecimento é apontado como uma ação “menina **toma banho** em bueiro”. Na

imagem, pelo visível, atravessado pelas condições de produção, vemos que a “menina” referida não é uma criança qualquer, é uma menina negra e pobre, como tantas outras com quem se cruza, dia a dia, no Centro do Rio de Janeiro e a quem, em geral, não se dirige o olhar. Ao centrar o acontecimento em uma ação, isolada e nova, apaga-se, a nosso ver, a condição de miséria em que vivem os mais pobres, fechando espaço a leituras que problematizem esta condição. O espaço, todavia, não se fecha, mantém-se como possível.

Na legenda que acompanha a imagem, escrita pelo jornalista, há a referência a um pai, que está presente, mas “alheio à situação”. O modo como esse pai é referido aponta para um efeito, no discurso, de descuido, de falta de amparo a essa criança. Na imagem, produzida pelo fotojornalista, a menina está representada sozinha; o pai, na materialidade não verbal, não se torna objeto, o que não quer dizer que não seja significado. A não materialização do pai na imagem aponta também uma ausência de cuidados, de amparo da família. Os modos de significar esta infância, na materialidade verbal e na não verbal, apontam dois pontos de vista que convergem: a do jornalista e a do fotojornalista.

Considerando o impacto produzido pelo visível, que eterniza, no arquivo do jornal, um retrato do desamparo, o fotógrafo recebeu o prêmio de melhor fotografia. Diante do *status* atribuído à imagem, nos perguntamos: o que se premia, a imagem ou o fotógrafo? O que há naquela fotografia, no que ela tem a transmitir, que seja digno de reconhecimento?

Propomos, à luz da Análise do Discurso, a não transparência da imagem, enquanto linguagem, em sua possibilidade de (re)produzir (efeitos de) sentidos. Quanto à premiação, premia-se, quiçá, o reconhecimento de uma cena anterior, sustentada por uma memória que fala de infâncias abandonadas. Esta memória acionada pela imagem não sofre um rompimento, afinal, é uma criança negra e pobre que está sendo objetificada. A imagem, ainda assim, “choca”, produz impactos pela força do visível.

Ao produzir esta imagem para um jornal, ou seja, na ilusão de que a imagem falará por si, comunicará um acontecimento, o sujeito-fotojornalista, no intuito de produzir o novo, inscreve-se num espaço de memória, de já-ditos, que sustentam e

tornam possível o dizer, o mostrar. Além disso, ao produzir a imagem para um jornal, assume uma posição, que não pode ser pensada fora das condições de produção que determinam a ação e a interpretação. Mariani e Medeiros (2011) ressaltam: "Pensar em uma ética jornalística implica pensar em uma ética do jornalismo em uma sociedade capitalista contemporânea, regida pela lógica do mercado" (p. 84). A decisão de fotografar aliada a outra de expor, em meios de grande circulação, como os jornais, determinadas imagens passam, necessariamente, por uma questão ética, mas também por uma questão de mercado; a prática jornalística (e outras que servem a semelhante papel) "não se dá fora da lógica do mercado que tudo transforma em mercadoria a ser consumida: fotos, vidas..." (MARIANI; MEDEIROS, 2011, p.84).

A premiação da fotografia aponta para esta lógica: de um lado, premia-se o fotógrafo, cujo olhar sensível a uma cena revelou um acontecimento singular e "chocante"; de outro, ao deslocarmos as possibilidades de leitura da imagem para além de suas margens, premia-se a dor de um outro, cuja vulnerabilidade física e social, uma vez textualizada e guardada no arquivo de imagens do jornal, inscreve-se como algo possível de ser (re) visto como matéria passada, notícia velha. A imagem, neste funcionamento, produz outros efeitos, um efeito imaginário de que, pela força do visível, um acontecimento isolado, mas chocante, ocorreu em dado momento da história. Apaga-se, neste efeito, a condição de miséria em que vivem, dia a dia, tantas outras crianças e adultos, para além do que a fotografia nos permite ver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como conclusão provisória, podemos afirmar que a fotorreportagem em questão, sob a ilusão de retratar um fato novo, ou seja, um acontecimento singular, datado, inscreve-se num espaço de significação que lhe é anterior e no qual o gesto se prende. Este espaço não é fechado, mas poroso, com possibilidades de irrupções na cadeia de sentidos. Na relação estabelecida com o verbal, relação esta de pretensão aprisionamento do não verbal em relação ao verbal, sustentam-se, discursivamente, dois pontos de vista que convergem: o do fotojornalista, no modo

como dirige o olhar à cena que o fisgou e produz, por meio de um dispositivo fotográfico, um enquadramento, tornando objeto a menina sozinha, e o do jornalista, ao deixar marcas, na materialidade verbal, que apontam para a ausência do pai.

Por meio dos primeiros gestos de análise aqui empreendidos, buscamos retirar a imagem da posição de transparência, ou seja, de “é isto”, e envolvê-la no tecido sócio-histórico-ideológico que a determina. Produzir uma imagem, assim como um texto, é lançar-se, enquanto sujeito de e na linguagem, sujeito histórico, atravessado pela ideologia e pelo inconsciente, no campo da significação, abrindo possibilidades para que distintos gestos de interpretação se tornem possíveis.

Procuramos, em nossos gestos de interpretação, uma leitura que considere, conforme Pêcheux (2012 [1983]), que os sentidos têm margem delineada pelo social, o histórico e o ideológico. Na concepção a que nos filiamos, a linguagem serve para comunicar e também para não comunicar. É preciso, diante de todo fato de linguagem, historicizar, compreender as evidências e apagamentos ali constitutivos. É este um de nossos principais objetivos analíticos.

REFERÊNCIAS

LAGAZZI, S. O recorte significativo da memória. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina L.; MITTMANN, Solange. *O discurso na contemporaneidade*. São Carlos, SP: Claraluz, 2009, p. 65-78.

_____. *Linha de passe: a materialidade significativa em análise* [online]. 2010, nº. 16. Volume 2 - ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. Link: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

MARIANI, B. *O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*. 1996. 256 f. Tese (doutorado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 1996.

MARIANI, B; MEDEIROS, V. Mulher na favela e confronto policial: por um arquivo de imagens, In: Mariani, Bethania; Medeiros, Vanise; Silva, Silmara Dela. (org.) *Discurso, arquivo e...* Rio e Janeiro: 7LETRAS, 2011.

ORLANDI, E. *Efeitos do verbal sobre o não-verbal*. Rua (Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade). nº 1. Campinas: Editora da Unicamp.

_____. *Análise de discurso*. Princípios e procedimentos. 3ª ed., Campinas: Pontes, 2001.

_____. [1996] *Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*, Pontes Editores, Campinas, SP, 2012.

PÊCHEUX, M. [1969]. Análise automática do discurso (AAD-69). [1969] In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso*. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____. [1975]. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

_____. [1983] *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 6ª edição. Campinas: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre [et al.]. *Papel da Memória*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1999, p. 49-57.